

## **A CMC vai à Escola, mas os professores resistem (1/4)**

No Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, Delors et al (1996:55-58) consideram a Educação uma linha de força da sociedade civil e da democracia, confundindo-se mesmo com a própria democracia, quando todos participam na construção duma sociedade responsável e solidária, respeitadora dos direitos fundamentais de cada um. Segundo este relatório, esta exigência democrática deve constar de qualquer projecto educativo e é reforçada pela emergência das sociedades da informação.

Computadores e derivados, redes telemáticas, hipermédia, Internet, telemóveis, *Videoconferência*, vídeo, televisão, imagens reais e em tempo real, simulações, realidade virtual, são meios de comunicação para a Aldeia Global, promotores da globalização e da mundialização. Como aconteceu com outros meios, chegaram ao mercado sem passar pela Escola, constituindo factor de pressão de fora para dentro, pelo que terá que ser a Escola a integrá-los e a reinterpretá-los, associando as TIC a acções, meios e processos envolvidos criticamente na Tecnologia Educativa, num sentido abrangente que inclui, também, tecnologias do vídeo e das telecomunicações, como refere Collis (1993:41).

## A CMC vai à Escola, mas os professores resistem (2/4)

E os níveis de exigência já se encontram estabelecidos. Para Jonassen (1995:60-63), por exemplo, a aprendizagem nas escolas só será activa, construtiva, colaborativa, intencional, dialogante, contextualizada e reflexiva se a tecnologia for mais do que *hardware*, se propiciar a construção do conhecimento e fornecer as ferramentas necessárias, de tal modo que as tecnologias e os alunos se constituam como parceiros intelectuais. A tecnologia enquanto ferramenta deverá permitir o acesso à informação, representar ideias, comunicar com outros e produzir trabalho. Enquanto parceiro intelectual ou *ferramenta mental* deverá servir para representar o conhecimento dos alunos, reflectir sobre o que aprenderam e como aprenderam, suportar a formação de novos significados, a construção pessoal de representações e o espírito inventivo. A tecnologia enquanto contexto de aprendizagem deverá servir para representar e simular problemas, situações e contextos relevantes da vida real, representar convicções, perspectivas, argumentos e histórias, definir um ambiente controlado para o pensamento do aluno e suportar a discussão entre os elementos de uma comunidade construtora de conhecimento, utilizando, como ferramentas de aprendizagem processadores de texto, folhas de cálculo, editores electrónicos e programas de desenho assistido e, ainda, *ferramentas cognitivas* ou *ferramentas mentais* que envolvem o aluno na construção do conhecimento através de bases de dados, redes semânticas ou programas hipermedia de autor.

### **A CMC vai à Escola, mas os professores resistem (3/4)**

Na Escola, existem, no entanto, por parte dos professores resistências. Blanco & Silva (1991:16-19) referem que a posição destes profissionais, face aos novos meios de comunicação, vai da “tecnofobia” à “tecnolatria”. A primeira distancia-os, a segunda fá-los seguir por caminhos que conduzem ao emprego de novas tecnologias para aplicar velhas pedagogias. No entanto, estes autores, consideram estarem criadas as condições para que a Comunicação Educativa assuma a mudança de paradigma: “A contribuição dos *group-media* e *self-media* permite, então, que se use plenamente e sem qualquer restrição, tanto para emitir como para receber, a comunicação total, isto é, a comunicação audio-scripto-visual-informática nas suas mais diversas combinações.”

E enquanto alguns professores se debatem, ainda, resistindo, decorre uma mudança de paradigma. Tapscott & Caston (1995:18-24), consideram estarmos numa segunda era das TIC, na qual as aplicações de computação, a natureza da própria tecnologia e a liderança no seu uso estão a sofrer modificações profundas. Estes autores referem, em relação ao mundo empresarial, três mudanças críticas na aplicação das TIC e que, com as devidas adaptações, se podem visualizar em relação à Comunicação Educativa:

*“– A computação pessoal está a dar lugar à computação em grupo – A organização em grupos de trabalho incrementa a comunicação e traduz-se em melhorias na produtividade e capacidade de resposta;*

## **A CMC vai à Escola, mas os professores resistem (4/4)**

- *Sistemas isolados estão a ser substituídos por sistemas integrados* – Os sistemas integrados numa intranet amplificam as possibilidades de comunicação, rentabilizam meios, constituem factor de unidade organizacional;
- *Computação interna está a dar lugar à computação aberta para o exterior* – As escolas deixam de terminar nos limites dos seus muros, podem partilhar recursos com outras escolas, desenvolver parcerias com outras instituições, criar sinergias com empresas, vivenciar experiências de multiculturalidade e fortalecer laços de solidariedade.” Tapscott & Caston (1995:18-24)

Basta um breve olhar sobre as nossas escolas, para percebermos que estamos longe desta imagem de mudança. Existem sinais, mas que não são, ainda, suficientemente fortes para que deixemos de estar apreensivos.